

CONCEPÇÃO, MONTAGEM E AVALIAÇÃO DA EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA “A VIDA EFÉMERA DOS OBJETOS: UM OLHAR PÓS-ENCHENTE”, NO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS/RS

MAURICIO ANDRÉ MASCHKE PINHEIRO¹; ERLECI SANTHES ESTEVES DE SOUZA²; GIOVANI VAHL MATTHIES³; JOSÉ PAULO SIEFERT BRAHM⁴; DIEGO LEMOS RIBEIRO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas- mauriciopinheiro685@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ritasanthes.souza@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – giovanimatties@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – josepbrahm@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – dlr museologo@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

O Museu Gruppelli, objeto desta comunicação, fica localizado no 7º distrito da cidade de Pelotas e foi inaugurado em outubro de 1998, por iniciativa da comunidade local. O acervo do Museu foi reunido através da coleta e doações feitas por moradores da região, capitaneados pela família Gruppelli, cujo objetivo era reunir referências do patrimônio rural que fossem significativas para a população circunvizinha. Desde 2008, o Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), por intermédio de projeto de extensão, vem colaborando com o Museu, no sentido de provê-lo caráter técnico-científico, mas, sobretudo, de ampliar seu potencial comunicativo, por intermédio de exposições e ações educativas. Acreditamos que é pelo viés da comunicação que o museu sustenta sua relevância social, sem a qual, os bens patrimoniais se engessam em significado e valor documental.

No sábado, dia 26 de março de 2016, a comunidade do sétimo distrito de Pelotas foi acometida por uma enchente de proporções inéditas. Casas e comércios da região sofreram enormes perdas. Com o Museu Gruppelli não foi diferente. Parte do acervo foi arrastado pela força da água, se perdeu ou foi danificado de forma irreversível. Entre as principais perdas do acervo está o tacho de cobre e a cadeira que ficava no cenário da barbearia.

A partir desse acontecimento, de grande impacto simbólico e material, elaboramos uma exposição temporária, intitulada “a vida efêmera dos objetos: um olhar pós-enchente”, com o objetivo de contar a história da tragédia ocorrida no Museu, através da visão dos objetos. Como argumento expositivo, partimos da ideia de que os objetos, assim como as pessoas, possuem vida efêmera, uma vez que nascem, vivem e morrem. Apresentamos os objetos em uma sequência que representa o ciclo de vida: aqueles que se foram, mas deixaram um legado; os que retornaram com cicatrizes e outros que estão recebendo uma nova chance de vida, por intermédio de um esforço cooperativo de diversas pessoas.

A partir desse contexto, o presente trabalho tem por objetivo fazer um breve relato das etapas de concepção, montagem e avaliação da exposição temporária mencionada acima.

2. METODOLOGIA

Num primeiro momento, logo após a enchente, a equipe do Museu trabalhou no resgate dos objetos, em uma ação cooperativa que abarcou professores e alunos dos Cursos de Museologia e Conservação e Restauração da UFPel. Em resumo, essa primeira fase redundou em limpar a lama, secar o

espaço e prover os primeiros tratamentos aos objetos. Alguns desses que, a priori, seriam descartados em razão do estado de deterioração, foram separados em sacos plásticos para servirem de documentos da tragédia. Todo esse processo foi devidamente registrado, como forma de documentar o evento traumático e as ações conjuntas de resgate de coleções em risco.

De partida, com vistas a pensar a concepção da exposição, fizemos um exercício com a equipe para refletir sobre qual seria o tema central. Realizamos, ainda, 5 entrevistas com os moradores da comunidade que sofreram, de forma direta ou indiretamente, os efeitos da enchente. DUARTE (2002), baseada em BRANDÃO (2000), diz que a entrevista é um trabalho que exige atenção permanente do pesquisador aos seus objetivos, estando sempre à escuta de tudo que é falado pelo entrevistado. A autora menciona, ainda, que devem ser levados em consideração os tons, ritmos e expressões gestuais que acompanham, ou mesmo, substituem essa fala e isso exige tempo e esforço (DUARTE, 2002, p. 146).

Importa destacar que alguns objetos em papel foram levados para os laboratórios do curso de Conservação e Restauração da Universidade Federal de Pelotas, onde foram realizadas ações de conservação curativa – que incorporou os tratamentos de banhos com água deionizada, desacidificação, reencolagem, planificação e reintegração. Todo esse cabedal de informações sobre o processo de conservação, somada a conversa entre equipe e moradores locais, ofereceu o substrato informacional e as ideias que seriam extrovertidas na exposição.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em um primeiro momento, antes do evento em questão, pensamos em realizar uma exposição temporária que retratasse as tecnologias do passado, que eram utilizadas, cotidianamente, pelos moradores da zona rural. Porém, a enchente foi um divisor de águas, que reorientou a proposta expositiva até então vigente. Nesse novo contexto, pensamos uma temática que fosse ainda mais pertinente para a localidade, aproximando o Museu da comunidade a que serve. E, de forma humanizada, buscamos contar a história da tragédia pela visão dos objetos. Desse modo, a maioria dos textos utilizados na exposição foram escritos em primeira pessoa, tendo os objetos como narradores do ocorrido.

A concepção dessa exposição foi pensada em três nichos temáticos: o primeiro representa os objetos que foram levados pela água e não voltaram, como o tacho e a cadeira marrom, que foram representados em forma de fotografias, como em uma homenagem póstuma. Nesse nicho, utilizamos, ainda, velas e flores que simbolizavam a morte, além de vídeo com imagens da enchente, bem como, uma lata de lixo com objetos destruídos, ainda cheios de lama, com o intuito de representar o caos, a destruição e a ausência. Em termos teóricos, buscamos ativar a vontade de memória e preservação pela retórica da perda.¹ Do mesmo modo, contrariando a lógica dos processos de patrimonialização, que

¹ Segundo GONÇALVES (2012), as pessoas reconhecessem, efetivamente, a importância dos objetos, no presente, para si e para o coletivo ao qual estão inseridos no momento em que a ameaça de perdê-los é cogitada. Para saber mais ver: GONÇALVES, José Reginaldo Santos. As transformações do patrimônio: da retórica da perda à reconstrução permanente. In: **Antropologia e patrimônio cultural trajetória e conceitos**. TAMASO, Izabela; LIMA FILHO, Manuel Ferreira (Org). Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012.

lidam, sobretudo, com os objetos de valor cultural, aqui, ao inverso, patrimonializamos o ausente, por intermédio da representação.

No segundo nicho, fizemos uma homenagem aos objetos que retornaram com cicatrizes ao Museu, após terem sido levados pela água e, posteriormente, recuperados na paisagem. Entre os objetos está a "gota", vidro que era utilizado para guardar vinho e água, além do bidê e do rádio. Estes objetos entraram na exposição sem o tratamento de conservação, justamente para indicar a dimensão da tragédia. Nesse caso, a sujeira, geralmente evitada em bens patrimoniais, serviu como documento, como símbolo dos prejuízos causados pelo evento.

No terceiro nicho, retratamos os objetos que receberam uma nova chance de vida, por intermédio do esforço cooperativo de diversas pessoas. Utilizamos, nessa etapa, fotos do processo de restauração dos objetos, a partir do tratamento nos laboratórios do Curso de Conservação e Restauro da UFPel. Alguns objetos restaurados foram incorporados à exposição, como a bandeira do Clube Boa Esperança, time de futebol da colônia, receitas, flâmulas, cartões e livros.

Para potencializar a linguagem expográfica, foram dispostas folhas de árvores de eucalipto no espaço da exposição para que as pessoas caminhassem sobre essas, com a intenção de provocar a sensação de desconforto e, ao mesmo tempo, simbolizar o barro e a lama. Foi colocado, ainda, tecido não tecido (TNT) nas paredes, na porta de entrada da exposição, para simbolizar um ambiente penumbroso e de luto. Utilizamos, também, caixas de som para retratar a acústica da tempestade e os depoimentos coletados de moradores locais, os quais foram editados e dispostos ao público. A intenção da exposição é impactar os visitantes por meio dos seus diversos sentidos e emoções. Desse modo, utilizamos recursos multissensoriais, como mencionado acima. TOJAL (2007, p. 102, 103) reforça esse pensamento, dizendo que:

a percepção multissensorial é também parte inerente de uma postura semiótica aplicada à comunicação museológica que privilegia a compreensão da recepção, a partir dos estímulos provenientes dos objetos e dos sentidos, a eles atribuídos pelo público fruidor, sendo que, nesse caso mais específico, a ênfase da recepção está vinculada à fruição do objeto cultural a partir de todos os canais sensoriais além do visual, como o tátil, auditivo, o olfativo, o paladar e o sinestésico.

Vale lembrar, ainda, que a exposição, segundo CURY (2006), é o produto final de um longo processo; é nela que o público tem acesso à poesia das coisas, em que o museu se apresenta à sociedade, afirmando sua missão institucional e identidade com o seu visitante.

Para verificar o impacto da linguagem expositiva junto aos espectadores, estamos realizando uma pesquisa de público. Para ALMEIDA; LOPES (2003) esta é uma importante ferramenta, muito usada pelos museus, para identificar as opiniões, sugestões, emoções, comportamentos, falas, entre outros, oferecendo ao receptor um papel ativo no processo comunicacional, de sorte a estreitar a relação entre museu, patrimônio e público.

A pesquisa ainda está em andamento devido à recente inauguração da exposição, que ocorreu no dia 03 de julho do corrente ano. Até o momento, aplicamos 10 questionários. Porém, já obtivemos alguns dados. Foi perguntado às pessoas se a exposição lhes despertou algum sentimento. Entre as respostas mencionadas, podemos citar saudosismo, esperança, pena e lástima. Isso nos remete ao fato de que o objetivo proposto na exposição, que era impactar, emocionar e sensibilizar as pessoas, vem sendo alcançado. Pela linguagem da perda, sobretudo no primeiro nicho, a exposição despertou a vontade de

preservar – paradoxalmente, maior do que se os objetos estivessem preservados como estavam antes.

O público foi perguntado, ainda, sobre quanto tempo gostaria que exposição permanecesse no Museu, visto que se trata de uma exposição temporária. 8 pessoas disseram que ela deveria ser incorporada à exposição de longa duração do Museu, de modo que a enchente fosse um fato histórico para a região, não devendo ser esquecida, mas, eternizada em nossas memórias. A nosso ver, esse dado aponta para a relevância que a exposição alcançou dentro do Museu e para a paisagem cultural onde se situa.

4. CONCLUSÕES

Podemos afirmar que os museus, na atualidade, atravessam um processo de transformação em que a ênfase preservacionista se desloca dos objetos e segue em direção das pessoas. Os museus, assim compreendidos, têm o público como princípio fundamental e razão de sua existência. Segundo CURY (2006), a comunicação museológica se destaca, atualmente, como um dos principais pilares dos processos de musealização. Por essa via, a exposição ocupa um lugar de destaque dentre as diversas ferramentas comunicacionais.

Apresentamos, brevemente, como foi o processo de conceber a exposição. Pensamos em expor os objetos de modo que as pessoas pudessem refletir sobre o ciclo de vidas dos objetos, mostrando que eles são efêmeros, uma vez que nascem, vivem e morrem. Além disso, mostramos o processo de restauração dos mesmos, o qual os garantiu uma segunda vida.

Ou seja, os objetos, nesse contexto, em exposição, ou mesmo, na sua ausência, servem de argumento para simbolizar problemas reais vividos pela comunidade e, ao mesmo tempo, refletir sobre possíveis formas de evitá-los. Do mesmo modo, a exposição incorpora uma linguagem que estimula os sentidos e as emoções e ativa a vontade de preservação do patrimônio rural.

Por último, acreditamos que o estímulo dos sentidos incrementa o potencial comunicativo da linguagem museográfica, quando se explora por meios de recursos como sons, vídeos folhas, cheiro e objetos. Viemos, nesse sentido, ensaiando novas linguagens, com vistas a despertar emoções. Essas constatações estão sendo feitas mediante a avaliação museológica que está sendo aplicada ao público no Museu e que deverá reorientar as práticas expositivas futuras.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A.; LOPES, M. Modelos de comunicação aplicados aos estudos de público. *Ciências Humanas*, Taubaté, v. 9, n. 2, p. 137-145, 2003.

CURY, M. X. **Exposição: concepção, montagem e avaliação.** São Paulo: Annablume, 2006.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa; reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa* n.115, p. 139-154, 2002. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>> Acesso em: 15 mai. 2015.

TOJAL, A. P. F. **Políticas Públicas de Inclusão Cultural de Públicos Especiais em Museus.** 2007, 322f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Curso de Pós Graduação em Ciência da Informação da Universidade de São Paulo.